



FOTO: CICERO RODRIGUES

Com frequência, grandes reviravoltas na ciência nascem de perguntas seminais e abrangentes, que parecem alimentar nos pesquisadores a obsessão necessária à resolução das grandes questões

RAZÃO E EMOÇÃO

Todos sabemos que, no âmbito profissional, fazemos bem aquilo que gostamos de fazer. Em ciência não é diferente. Embora o lado profissional da ciência componha um aspecto mais recente dessa área de atuação, é comum ouvir de cientistas – dos verdadeiros – a expressão, também compartilhada por atores, de que não há nada melhor do que praticar algo muito prazeroso e gratificante e, além de tudo, ainda ser pago para tal. Qual seria, porém, a verdadeira motivação para certas pessoas dedicarem seu maior talento à ciência?

Em 5 de julho último, a revista científica *Nature* (v. 487, p. 7) publicou o depoimento de um estudante de pós-graduação, Tal Nuriel, que narra ter vivido um desencantamento momentâneo em razão do andamento de seu trabalho, envolvendo a doença de Alzheimer. Sua disposição mudou, disse Nuriel, quando, com seus pares, teve um encontro com os pacientes. A partir daí, ele teria trabalhado com renovado ânimo e maior inspiração. O estudante recomenda que os cientistas não percam esse elo vital, sob o risco de serem abandonados pela musa de plantão.

Mesmo diante da dúvida quanto ao desfecho exitoso do trabalho de Nuriel, a mudança de comportamento em função do contato com o alvo de sua pesquisa soa pouco convincente. Lembra um pouco os famosos discursos de misses, do tipo “meu livro preferido é *O pequeno príncipe* e quero contribuir para erradicar a pobreza e as doenças da Terra”. Na vida real (pelo menos na área biomédica), os examinadores que selecionam os alunos que orientarão em cursos de pós-graduação encaram com certa dose de suspeita candidatos que dizem querer fazer pesquisa científica por se sentirem compelidos a descobrir a cura para esta ou aquela doença.

Esse argumento também parece não ter sustentação histórica. Biografias de cientistas que trouxeram contribuições relevantes raramente apontam fatores emocionais como determinantes. Além disso, a motivação para

a ciência com base na empatia pelos semelhantes dificilmente afetaria, por exemplo, os que se dedicam à paleontologia, à física teórica ou à matemática. Alguém imagina um Isaac Newton (1642-1727) enclausurado em Woolsthorpe, na casa em que nasceu, durante o surto de peste negra, em 1666-1667, revolucionando a ciência por estar compadecido com a humanidade? E o que dizer do frio e excêntrico Paul Dirac (1902-1984)?

É comum ainda afirmar que o cientista nasce pronto e, tão logo surge uma oportunidade, dá seu ‘recado’. A predestinação, no entanto, também pode ser eliminada da lista. Quantos cientistas importantes trilham caminhos sem qualquer correlação aparente com a ciência, até esbarrarem no objeto de seu fascínio. Antes de se dedicar à química, Michael Faraday (1791-1867) era encadernador de livros. Já o físico Edwin Hubble (1889-1953) foi boxeador e trabalhou como advogado antes da carreira científica.

É mais razoável buscar, nas mentes dos cientistas, razões mais individualistas. Algo ditado mais por afinidade ao tema de trabalho e por desafio intelectual que pelo altruísmo. Afinidade e, naturalmente, curiosidade – não é à toa que a nova sonda marciana tem esse nome. Com frequência, grandes reviravoltas na ciência nascem de perguntas seminais e abrangentes, que parecem alimentar nos pesquisadores a obsessão necessária à resolução das grandes questões. Newton dizia que, para ele, as soluções apareciam porque nunca parava de pensar no mesmo problema.

Outra peculiaridade do ofício não deve ser esquecida: a capacidade de vislumbrar a ordem no caos. Sempre que os objetos de estudo são comparados e arrumados conforme certos critérios, surge uma ordem esclarecedora que é, quase sempre, o prenúncio de uma revolução. Com Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829), Charles Darwin (1809-1882), Gregor Mendel (1822-1884) e Dimitri Mendeleiev (1834-1907) foi assim. **CH**

FRANKLIN RUMJANEK

Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro
franklin@bioqmed.ufjr.br